

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE GÊNERO E DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE PICADINHA DE MS E NO CRIOULO DA GUINÉ BISSAU.

Nágila Kelli Prado Sana¹Elza Sabino Bueno²;

¹ Graduanda do Curso de Letras – Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS - Unidade Universitária de Dourados; PIBIC/UEMS – no período de maio/2010 a novembro/2011, com o projeto de pesquisa de título: *A semi criouliização do português vernáculo na região douradense: evidências de contato com o crioulo da Guiné Bissau*; E-mail :nag.kps@hotmail.com.

² Orientadora - docente dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidades Universitárias de Dourados e Campo Grande; C. Postal 351, 79804-970, Dourados-MS. Projeto de Pesquisa: “*Variação linguística no português falado em regiões fronteiriças*”, financiado com recursos da FUNDECT; E-mail: elza@uems.br.

RESUMO: O presente estudo visa retratar a diversidade linguístico-cultural afro-descendente, no sentido de contribuir com os estudos relacionados à língua e à interculturalidade, em que temos como estímulo para essa pesquisa a “Lei nº 10.639/2003 que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B em que afirmam que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o papel dessa na formação da sociedade nacional. Partindo deste pressupostos, estudamos a morfossintaxe do crioulo guineense comparando-o a norma padrão e à forma variante da língua nas comunidades quilombolas rurais, fazendo uma análise do aspecto sociolinguístico do país e dos povos que compõe os grupos pesquisados. Analisamos a concordância de nominal de gênero e de número no português falado por afro-descendentes do Brasil (Comunidade Picadinha) e da Guiné Bissau, com objetivo de identificar e analisar o processo da criouliização sobre o aspecto morfossintático do português vernáculo, comparando essa estrutura à do crioulo da Guiné Bissau, inclusive para verificar supostos vestígios do crioulo guineense no português do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Português falado; Variação linguística; Metaplasmos; Variação social

Introdução

Nossa pesquisa trata da influência da cultura africana no Estado de Mato Grosso do Sul - MS, por meio de estudos linguísticos que aproximam a língua vernacular brasileira do crioulo guineense de base portuguesa, uma vez que segundo AFROBRAS (2008) a população negro-parda de Mato Grosso do Sul é constituída de 41,3% distribuída nos centros urbanos e em comunidades quilombolas, dentre elas a Comunidade Picadinha, local selecionado para a nossa pesquisa no Brasil.

Atualmente existem registros de quinze comunidades quilombolas no estado, que embora façam parte do contexto social sul-mato-grossense, durante muito tempo, a sociedade brasileira ocultou e ignorou a cultura africana, bem como as suas contribuições para a formação sócio-linguístico-histórico e cultural, assim de acordo com Lima (2004, p. 85) “a raiz desse ocultamento estava no preconceito e na ignorância sobre a vida social e a história desses grupos humanos e, sobretudo, na necessidade de domínio sobre eles, com o objetivo de colonizá-los e/ou até mesmo escravizá-los”.

Fundamentos teórico-metodológico

Os quilombos no Brasil são grupos sociais que se caracterizam por serem constituídos em sua maioria de população negra e ocuparem uma grande área na zona rural do Brasil, e a maioria dessas terras não possuem titulação, em nosso país apenas setenta e uma delas têm seus direitos territoriais reconhecidos pelo governo, a comunidade na qual estamos realizando parte de nossa pesquisa não possui o título da terra expelido pelo INCRA, mas é reconhecida como comunidade quilombola pela Fundação cultural Palmares.

No distrito de picadinha localizado no município de Dourados a 18 km do perímetro urbano residem 45 pessoas, formando a comunidade quilombola descendentes de Dezedério Felipe de Oliveira que segundo Nishijima (2007) Dezedério nasceu em 1867, em Uberaba, Minas Gerais e chegou ao território Sul- mato-grossense por meio de uma comitiva de gado, que vinha na região de Vista Alegre no distrito de Maracajú, onde se casou e teve doze filhos. Veio para o município de Dourados, em 1907.

Partindo desse panorama, o Brasil foi considerado o maior importador de escravos do mundo ao receber 38% de todos os africanos trazidos para o Novo Mundo (HOLM, 1991, p.299). Assim, durante o período da escravatura, as línguas afros e o português estiveram em contato, isso também ocorreu no domínio do povo Português em Guiné Bissau¹ com o surgimento do crioulo guineense e que, segundo Intumbo (2004, p.5) “o surgimento de uma língua híbrida, com características formais de ambas as línguas em contato, sendo geralmente a língua do dominador a fonte da maioria dos vocábulos que constituem seu léxico e as línguas de substrato, fonte de algumas estruturas e interferências fonético–fonológicas”, de acordo com Coelho (1967, p. 431) “diversas particularidades dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil; tal é a tendência para a supressão das formas plural”. O autor considera esta semelhança um fator que aproxima o português vernáculo dos crioulos de base portuguesa, de modo especial, o crioulo guineense, nosso objeto de estudo.

Neste contexto, vale ressaltar que a língua é parte fundamental da identidade cultural de um povo e para esse estudo contamos com o estímulo da legislação, e esse é o diferencial relevante da importância em realizar essa pesquisa em que nossa pretensão é estimular e despertar os educadores ao atendimento à lei:

¹ País da África –ocidental foi colonizado por Portugal e teve sua independência reconhecida em 1973, faz parte da [Comunidade dos Países de Língua Portuguesa](#) (CPLP), das [Nações Unidas](#), dos PALOP ([Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa](#)).

Lei nº. 10.639/2003 que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. O primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e específica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar. (MEC, 2003).

A pesquisa trata-se de um estudo qualitativo que visa aproximação da língua crioulo guineense com o português vernáculo brasileiro, para isso utilizamos entrevistas colhidas no país da Guiné Bissau que constitui, juntamente com as entrevistas de indivíduos da comunidade quilombola picadinha, o *corpus* da pesquisa, lembrando que as entrevistas da comunidade em sua maioria enquadram-se no perfil de falantes do português vernacular brasileiro.

O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo, entrevistas *in loco*, baseada no suporte teórico-metodológico da sociolinguística laboviana que analise as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes linguísticas e ou sociais (LABOV, 2008/1983; FERGUSON, 1974 e TARALLO, 2007).

Para a constituição do *corpus* da pesquisa, selecionamos informantes falantes de português vernáculo, residentes na região de picadinha, distrito de Dourados—MS, Brasil e informantes do arquipélago dos Bijagos, do país da Guiné Bissau – África Ocidental, classificando-os de acordo com o nível de escolaridade e classe social, com idades que variam de 40 a 67 anos, fizemos observação *in loco* e descrição por meio das entrevistas para traçar o perfil dos sujeitos pesquisados, num estudo comparativo do uso da concordância de gênero e de número, no português falado no Brasil e no português falado na África Ocidental, considerando as influências linguísticas do crioulo guineense e do português vernacular do Brasil.

Resultados e Discussão

Concordância de número no sintagma nominal.

No português, a modalidade padrão da língua apresenta a regra geral para todos os nomes contáveis e a maior parte dos determinantes, quantificadores e modificadores são marcados no plural acrescentando-se o morfema /s/ nas formas do singular. Essa concordância dos elementos com o núcleo do sintagma nominal é obrigatória nessa modalidade da língua, vejamos alguns exemplos a seguir, selecionados do *corpus* de pesquisa com os informantes entrevistados:

(PNP) A menina talentosa.

(PNP) A-s menina-s talentosa-s

A- PL menina-PL talentosa-PL

No crioulo guineense

CG- *mininu djiru*_

“ menino inteligente”

CG *mininu-s djiru*_

“Uns meninos inteligentes”

Menino-PL inteligente

CG *dus mininu (-s) djiru*_

dois menino(-PL) inteligente_]

PVB *mininus bunito*

Menino- PL bonito

No Crioulo Guineense (CG), de acordo com (INTUMBO 2007), o plural pode ser deduzido a partir de um contexto ou indicado por meio da inserção do morfema /s/ de plural aos nomes, em que a pluralidade é marcada pelo mesmo processo morfológico usado no português, embora seja característico de todas as variedades dos crioulos, nos determinantes e modificadores serem invariáveis e não receberem essa marcação de número.

Concordância de gênero no sintagma nominal

No Crioulo Guineense, o gênero não é indicado por meio de flexões, mas é comum o falante utilizar léxicos que designam o sexo, logo em seguida ao nome, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

CG *primu matco*

Primo homem

CG *primu femia*

Prima Mulher

Já na modalidade padrão de língua portuguesa distinguem-se os gêneros masculino e feminino pela flexão das desinências /a/ e /o/, para os respectivos gêneros. Observe os exemplos a seguir:

(PNP) um brinco lind-o
Det.M brinco lind-M
(PNP) Uma vida tranquil-a
Det.F vida (F) tranquil-a

Os dados das nossas entrevistas do Português Vernacular do Brasil (PVB) ainda apresentam raros casos de falta de concordância, mas o que podemos constatar até então são nomes femininos acompanhados por determinantes masculinos. Que são fenômenos já destacados nesta modalidade do português (CARENO, 1997) e que continuam a fazer parte de nossa pesquisa.

Ex. PVB-.meu saúde num ta boa.. (INQ A)

Já o plural no crioulo da Guiné Bissau de acordo com Intumbo (2007) pode ser deduzido a partir de um contexto ou indicado por meio do morfema /s/ o mesmo também ocorre no português falado no Brasil para se fazer a concordância de número no sintagma

Conclusões

Na análise do processo morfossintático do português vernacular e do crioulo guineense encontramos a redução das flexões de concordância de gênero e número no sintagma nominal, nesses dados comparativos encontramos semelhanças históricas sociais e linguísticas, trabalhamos com africanos e descendentes de africanos com uma visão etnolinguística. Convém ressaltar que este estudo encontrar-se em andamento, tendo o seu término previsto para novembro do corrente ano, assim, ainda há dados a serem levantados e análise a serem realizadas, no sentido de traçar o perfil lingüístico e histórico de nossos informantes e a sua comparação entre os falantes afro-brasileiros e os guineenses.

Agradecimentos

Agradecemos à UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS pelo apoio e oportunidade e a todos que contribuíram para a pesquisa.

Referências

- AFROBRAS, 2008 – www2.afrobras.org.br, acessado em outubro de 2009.
- CARVALHO, A. M. (org.). **Português em contato**. Madrid: Iberoamericana, 2009.
- CALVET, J. L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARENO, M. F. **Vale do Ribeira – a hora e a vez das comunidades negras**. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.
- COUTO, H. H. do. **O crioulo português da Guiné Bissau**. Hamburg: Bruske, 1994.
- COELHO, F. A. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. Boletim Soc. Geogr. Lisboa. Série 2, nº3, p. 1880.
- FERGUSON, C. Diglossia. In: FONSECA, M. & NEVES, M. (org). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- FISHER, J. L. Influências sociais na escolha de variantes linguísticas. In: FONSECA, M.S.V e NEVES, M. E. (orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- HOLM, Popular Brazilian portuguese: a semi-creole. In: D'ANDRADE, E. & KIHM, A. (orgs.) Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa. Lisboa.
- INTUMBO, I. Estudo Comparativo da morfossintaxe do Crioulo Guineense, do balanta e do português. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007. [Dissertação de Mestrado em Linguística Descritiva]
- LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid; Cátedra, 1983.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**, São Paulo: Ática, 2007.